**UNIVERSIDAD NACIONAL DE ITAPUA**

**III SEMINARIO INTERNACIONAL DE LOS ESPACIOS DE FRONTERA (III GEOFRONTERA)**

# *Integración: Cooperación y Conflictos*

# III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA (III GEOFRONTEIRA)

# *Integração: Cooperação e Conflito*

EJE 4: FRONTERAS, INTEGRACIÓN Y ESTADO NACIONAL / FRONTEIRAS, INTEGRAÇÃO E ESTADO NACIONAL

**GEOPOLÍTICAS URBANA NA TRIPLICE FRONTEIRA:**

**COMO RELAÇÕES INTERNACIONAIS ESTÃO EXPRESSADO E PERCEBIDO NUMA ZONA METROPOLITANA TRI-NACIONAL**

Peter D. A. Wood

Universidade Estadual do Estado da Flórida (EUA)

pwood@fsu.edu

RESUMO

Com este trabalho eu pretendo explorar o que são as perspectivas sobre desenvolvimento urbano quando cumprida por espaços fronteiriços. A localização e o significado da fronteira está constantemente mudando (JONES E JOHNSON 2014). Fronteiras são espaços vividos, mas também representam processos geopolíticos e a níveis de atores envolvidos com poder político, território, e soberania. Enfocando em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, este artigo mostra percepções sobre o desenvolvimento numa zona internacional. A ideia de integração entre paises pode ser uma posibildade para conectar lugares e povos, ou pode ser um ponto de desacordo sobre liderança e progresso econômico no mundo durante uma era de globalização. Usando o método Q eu coletei suas perspectivas com interesse no futuro de planejamento e desenvolvimento de Foz do Iguaçu. Os resultados mostram, pelo menos, três categorias de perspectiva na área da triplice fronteira com respeito aos papeis do Estado e seus habitantes em desenvolver uma região representada em várias escalas. Os dados coletados sugerem que existem perspectivas menos representadas, e que integração internacional tem várias formas e componentes em nivel municipal.

PERFIL DO AUTOR

Peter é um aluno da Universidade Estadual da Flórida em Tallahassee, Flórida, Estados Unidos, estudando a Geografia. Ele se formou da Universidade Estadual da Oklahoma em 2010 estudando a Geografia e a Ciência Política. Peter tem side avaliador para o Boletim Gaúcho de Geografia desde 2012.

INTRODUÇÃO

Em este artigo eu intento identificar as implicações espaciais e politicais de automonia de cidades por planejamento de desenvolvimento urbano em Foz do Iguaçu, Brasil. As maneiras por qual cidades estão formado pode revelar tendências mais profundas nas forças dirigindo sistemas politicais, econômicos, e sociais dentro de áreas urbanas. Revelar atores que influenciam forma urbana ajuda mostrar a estrutura de poder de control territorial como estende além não só a nivel da cidade, mais também aos entendimentos estaduais, federais, internacionais, e supranacionais de política desenvolvente. Ámerica Latina é uma região de crescente interesse acadêmico e política por causa das taxas altas de urbanização e economias nacionais expansivas. Uma economia assim é o Brasil, uma nação cujas ambições para crescimento estão freqüentemente expressado por parcerias internacionais intentando avançar zonas urbanas importantes no país. Dentro do Brasil estão várias cidades grandes e de média tamanho cujas estratégias desenvolventes têm envolvido uma variação larga de investimentos. Uma cidade assim, Foz do Iguaçu, é um destino comum para turistas dométicos, regionais, e internacionais (“IGUASSU WORLD’S DESTINATION” 2015). Localizada junto às fronteiras Paraguaiana e Argentina, Foz é um exemplo útil da economia, políticas, e identidade fronteiriça do Brasil. Por análise de esquemas passadas de desenvolvimento em Foz, conjunto com esforços atuais para mudar a estrutura urbana desta área, este estudo medirá opiniões em quem dita o futuro do Brasil (particularmente junto às fronteiras dele), por quê eles têm feito decisões específicas de investimento, e como qualquer mudança à estrutura urbana está recebida por eles afetado por uma municipalidade de Foz que muda.

Crescimento urbano, desenvolvimento econômico conectado globalmente, e conectividade global são discutido freqüentemente como preocupações centrais do siglo XXI (RONDINELLI E VASTAG 1998, HALL E PFEIFFER 2013, ROY 2009, SMITH 2002). Cidades estão crescendo (SETO ET AL 2010), mercados econômicos estão chegando a ser mais globalizados e transnacionais (KNOX ET AL 2014), influência geopolítica está desenvolvendo uma estrutura mais multipolar (KUPCHAN 2007). Esses fenômenos são comuns por muito do mundo, mas estão ocorrendo de passos particularmente rápidos no Sul Global (MURPHY 2008). Como várias cidades lá se tornam em nodos maiores, mais globalmente conectados em redes de poder internacional e capital os seus papeis em prático geopolítico se tornam mais vulneraveis a poder externo. Em este artigo eu avaliarei quais perspectivas persistem com respeito ao papel de cidade dentro de sistemas de hegemonia regional e global. Fazer assim fornecerá entendimento com relação a como a ideia de cidades como unidades autônomas está contruido numa área metropolitana dividida por fronteiras nacionais. Ao fazer isso eu medirei perspectivas do planejamento e procedimento de desenvolvimento em Foz do Iguaçu, Paraná. Isso é feito pelo método Q, uma técnica cientifica originada em psicologia e disseminada pelas ciencias sociais (BROWN 1997). Embora crescendo em prática dentro da geografia humana, a aplicação do método Q a questões de participação em desenvolvimento urbano (especialmente quando dividido entre paises múltiplos) é relativamente incomum (EDEN ET AL 2005). Usar o método Q medir percepções trans-fronteiriças é valoroso em avaliar as várias camadas de poder político multiescalar numa região em desenvolvimento.

TEORIA

Geógrafos têm articulado várias, conflitantes definições do que especificamente envolve desenvolvimento. Uma divisão comum destas vistas contrasta estrutura e agência como fatores básicos no propóstio e prático de desenvolvimento (BEBBINGTON 2002). Dentro da geografia humana existe uma tensão entre visões em estrutura (leis gerais e meta-padrões da sociedade) e agência (a abilidade de pessoas individuais funcionar dentro destas estruturas) como maneiras concorrentes de entender ação humana (BOGGS E RANTISI 2003, CHOUINARD 1997). As estruturas que guiam tais visões vêm de uma variação larga de influências dentro da disciplina de geografia. Pesquisa pós-colonial tem um papel significante em estudos de desenvolvimento como fonte de desafiar control imperial sobre historias, políticas, e outro conhecimento. Exemplos deste trabalho intentam deenfatizar influência imperial passada para melhor valorar as vozes e agência de outros grupos, especialmente os empobrecidos (inter alia MCFARLANE 2006, POWER ET AL 2006, RAGHURAM AND MADGE 2006). Um corpo de trabalho relacionado mas separado, freqüentemente etiquetado pesquisa pós-desenvolvimento, lida com questões parecidas a pesquisadores de desenvolvimento pós-colonial mas por uma lente que é etiquetada, por alguns, “a-histórico” e populista (RADCLIFFE 2005), ou pelo menos abertamente critical nos estágios primeiros dele (MCGREGOR 2009; a ver, por exemplo, ESCOBAR 2011). Enquanto ás vezes contrastante, e ás outras declarada por unidade (por exemplo, BLUNT E MCEWAN 2002, MCEQAN 2001, SHARP E BRIGGS 2006, SYLVESTER 1999), desenvolvimento pós-colonial e estudos de pós-desenvolvimento são parecidos em que cada corpo de trabalho tenta repensar quem muda o mundo (fisicamente/materialmente, mas também culturalmente, politicalmente etc.) e como se muda. Dentro deste artigo uma perspectiva de desenvolvimento pós-colonial está usado, descrita abaixo por a divisão geopolítica feminista dela.

Glassman (2011) nota que outro par de vistas epistemológicas está crescendo dentro dos estudos de desenvolvimento, mas que isso crescimento envolve fusão em vez de ceticismo mútuo. A economia política de trabalho Marxista rende análises úteis quando combinado com estudos de desenvolvimento pós-colonial (e.g. GIDWANI 2008, WAINWRIGHT 2008). Lidar economias em desenvolvimento como parte de uma tendência talvez inevitável de desenvolvimento globalizado, observa Glassman, é melhor entendido quando conectar nacionalismo pós-colonial e divisões de classe como partes do mesmo projeto. Pós-colonialismo ajuda mostrar a importância de vozes subalternas em análise Marxista de classe, e contrariamente, estruturas Marxistas de economia política ajudam reexaminar a construção da nação em pós-colonialismo. Todavia, Glassman vê as estruturas teóricas de subdisciplinas como ferramentas para geografia critical de desenvolvimento, em vez de um campo de trablaho que está crescendo por si mesmo. Tais argumentos são comuns entre acadêmicos da geografia de desenvolvimento (e geografia em total), mas estabelecer vistas estrangeiras como ajuda para entendimento mais completo pode ser problemático e contraproducente. Em vez de procurar “novas” perspectivas para ampliar a audiência da pesquisa de si mesmo, um novo sub-campo de estudo em desenvolvimento é preciso, um que sintesizar várias experiências acadêmicas, mas também não acadêmicas e eles externos a discussão formal de desenvolvimento no primeiro lugar. Muitos dos pesquisadores envolvidos com a geografia de desenvolvimento chamam abertamente para formas híbridas de entender, mas essas declarações de colaboração raramente são tão holísticas como declaram. Estudos de desenvolvimento na América Latina ajudam mostrar alguns dessas deficiências e o que pode estar feito para aprender delas. Este artigo intenta abordar tão síntese por utilização de análise geopolítica feminista de desenvolvimento na América Latina e no Sul Global. Isso estará feito por medir percepções de desenvolvimento e relações transfronteiriças em escalas municipais, estaduais, nacionais, e internacionais. Desenvolvimento como um projeto liderado pelo estado têm comumente estar expressado como medida de segurança internacional motivado pelo EUA (BERGER 2006). Na América Latina isso prendeu verdadeiro durante os anos pos-Revolução Cubana da guerra fria. Essas visões de desenvolvimento focalizadas no estado, embora relevante, faltam uma forte presença de experiências subalternas com respeito a projetos de desenvolvimento. Em este artigo aproximo desenvolvimento como parte de uma geopolítica feminista mais geral no que poder estadual e subalterno são expressado (e interceptam) em várias escalas.

Qualquer discussão de marginalidade urbana deve também lidar como segurança (como mecanismo e estado de mente) é usado dentro de sistemas urbanos e geopolíticos. Segurança, por definição, é uma força que polariza. A decisão fornecer segurança para algo ou alguém necessita a exclusão de ameaças externas, se reais ou percebidas. A securitização de sociedades é causa e consequência de fragmentação social. Por tentar fornecer espaços seguros por estabelecimento, investimento, e crescimento, obstáculos a segurança estão afugentado e buscado por estar controlado. Ás vezes estes obstáculos são mais que só ideologias (comunismo, terrorismo) ou conceitos abstratos (violência, desemprego) mas grupos inteiros de seres humanos. Segurança é um termo geral freqüentemente dependente em escala e contexto. Essas escalas, entretanto, estão freqüentemente entretecido e relacionado em maneiras que fazem difícil para definir especificamente a segurança. Numa extremidade do espectro segurança pode estar visto como uma questão geopolítica. Dentro da América Latina este pode estar visto por insegurança geopolítica, um resulto de globalização e dependência em investimento estrangeiro que faz paises e regiões vulneraveis a acção de fora (ROBERTS 2005). Então, “segurança” pertenece aos dois economia estável e a proteção de um sistema capável de sustentar uma economia assim.

Na América Latina segurança como sistema holístico tem estado perseguido em anos recentes por a decentralização e privitação de poder, um processo que, de acordo com Roberts (2005), ultimamente leva à complicação de mercados econômicos. Esta complexidade contribue a desigualdade e susceptibilidade a pobreza, duas formas estruturais de insegurança que estão experiençado em niveis globais, nacionais, locais, e também pessoais. Em contraste com segurança geopolítica, formas mais pessoalizados de segurança pode se referir à proteção de espaço, propriedade, ou uma pessoa individual de dano ou perigo (ARIAS E RODRIGUES 2006). Isso pode tomar forma em segurança localizada (por exemplo, evitar ferrimento físico de narcotraficantes) ou segurança institucional (por exemplo, guardar fronteiras internacionais). Interessantemente, as maneiras em que segurança está lidado freqüentemente sobrepõem, e ultimamente muitas discussões de segurança chegam a ser alguma variação de imaginação refletindo a polícia militar com arma assegurando que ninguém roube, danifique, ou mate o que está protegido (no sentido literal e alegórico). É dizer que segurança, como violência, é bem pessoal naturalmente.

A considerar a natureza de segurança, populações marginalizadas (especialmente elas em áreas urbanas) vem a ser “marginal” por causa de duas formas de necessidade: reagir à devaluação do valor do mercado para uma pessoa (por exemplo, in-migração urbana seguindo automatização de trabalho agrícolo) e o recurso a comportamento ilícito ou desregulado para sustento (por exemplo, muambar contrabando obtido legalmente para revenda). Marginalidade é subproduto macroeconômico e uma preguiça territorial que precisa acção além desemprego menor para iniciar mudanças significantes (WACQUANT 1996). Fazer um lugar ou uma pessoa mais seguro é fortemente predicado na noção de que tão segurança é essencialmente uma tentativa a conter, controlar, ou eradicar pessoas, lugares, ou comportamento considerado marginal (SAMARA 2010). Apesar desta correlaçao direita, segurança e marginalidade raramente estão discutido conjunto como parte de um espectro mais amplo. Quando estes conceitos estão juxtaposto, discurso segurança-marginalidade tende fixar em relações internacionais (e.g. ANDREAS 2003, PALOSAARI E MÖLLER 2004) ou criminalidade (e.g. CRAWFORD 2013). Com respeito a assentamento e crescimento fronteiriço, a relação entre segurança e marginalidade é significante porque mistura estas duas perspectivas. É, todavia, vital identificar como regiões fronteiriças cabem até uma estrutura mais ampla que colhe as condições para segurança e marginalidade a coexistir como mais que apenas causa e efeito.

Os modos e magnitudes de exclusão social variam de lugar para lugar. De acordo com Castells (2011) eles que têm vindo a ser exploitado agora são sujeitos a exclusão, um grupo ele chama “estruturalmente irrelevante.” Este tipo de irrelevância é resulto de vários fatores: impracticalidade como fonte de trabalho, risgo não mitigado como potencial base de consumo, disconexão de produtos e serviços lucrativos, e apatia geopolítica com relação a rixa social (CASTELLS 1998). Segurança é uma questão urbana e geopolítica. Os lugares onde estas escalas interceptam pode ser assentamentos fronteiriços urbanizados ou no processo de urbanizar, mas também aeroports internacionais, portos do mar, e outros lugares não tradicionais de fronteiras (WALTERS 2002). Segurança urbana e geopolítica (é dizer, proteção de ameaças pessoais como roubo ou assalto, e ameaças públicas como narcotráfico ou a invasão de espécies não nativas) são interrelacionadas. A execução deles produz resultos, às vezes ilusões de estabilidade, control, e paz de mente, à custa de serem populações exploradas e marginalizadas. Quando esses sujeitos se fazem perturbações verificáveis, é freqüentemente por falta de alternativas. A realidade é mais complicada, porque vítimas de exclusão social estão freqüentemente mudado de alguém opresado e sem recursos para sobreviver, até opressor subversivo. Analisar participação numa zona fronteiriça assim, com desigualdade social e política, significa lidar o processo urbano geopolítico ao núcleo dele. Fazer assim é importante não só para o futuro de cidades e áreas populadas, mas também para todos componentes do processo de fazer cidades fluidas e globalmente conectadas.

LOCALIZAÇÃO DE ESTUDO



Figura 1: Mapa da Triplice Fronteira

Situada à convergência dos rios Paraná e Iguaçu está a cidade de enfoco para este projeto: Foz do Iguaçu, Brasil (veja mapa 1). Esta cidade é parte de uma área metropolitana maior às vezes chamada a Triplice Fronteira (ou Triple Frontier em inglês, e Triple Frontera em espanhol). Ciudad del Este, Paraguai, a cidade maior da região por população, está imediatamente adjacente a Foz, com o Rio Paraná separando as duas cidades. Puerto Iguazú, Argentina, uma estância turística popular, está adjacente às famosas Cataratas de Iguaçu, um destino turístico bem visitado. Conjunto, estas cidades formam uma área promissor para investimento de muitos setores da economia local, regional, e internacional. Esta região também está reconhecido como foco para atividade ilícita do mercado informal; depois o ataque de 1994 de um centro comunitário judeo em Buenos Aires, Argentina, e os ataques de 11 setembro, 2001, em Nova York e Washington, a triplice fronteira foi alegado estar conectado a acustear Hezbollah em Líbano (LEVITT 2005). Em anos recentes esforços locais têm concentrado em continualmente desenvolver Foz do Iguaçu e atraer capital para uma região fronteiriça mais segura e produtiva. Por este pesquisa as dinámicas relacionado a aqueles esforços de desenvolvimento estarão explorado para mostrar relações mais profundas entre atores locais, política, e os espaços atingido por avanços de desenvolvimento urbano.

 A história de crescimento e desenvolvimento em Foz do Iguaçu combina questões de pessoas marginalizadas com um lugar marginalizado. Foz do Iguaçu é uma cidade de aproximadamente 260.000 localizada ao longo das fronteiras brasileiras com o Paraguai e a Argentina (IBGE 2015). Esta região metropolitana tri-nacional está freqüentemente visto como refúgio seguro para financiar grupos criminosos transnacionais e organizações políticas radicais (ABBOTT 2004, COSTA E SCHULMEISTER 2007). Com a população árabe de Foz do Iguaçu de mais que 30.000, esta região tem sido chamado uma ameaça potencial a intereses norte-americanos desde os ataques do World Trade Center em 11 setembro, 2001, acusações exacerbadas pela descoberta de um pôster das Cataratas de Iguaçu na comuna de oficiais de al-Qaeda (COSTA E SCHULMEISTER 2007). Preocupações de segurança da fronteira no Cone Sul, todavia, têm existado desde o bombardeio de 1994 em Buenos Aires (SULLIVAN 2011). Justaposto com estas percepções de ameaças terroristas e criminosas estão esforços pela munipalidade de Foz do Iguaçu comercializar-se como um lugar crescendo e seguro para investimento empreendedor (“IGUASSU WORLD’S DESTINATION” 2015). Observar e avaliar planos para desenvolvimento na área conecta esta ambição de estabelecer Foz do Iguaçu como um destino comércio apropriado com a identidade multinacional da cidade e a região arredores.Enquanto o mundo globaliza e chega a ester melhor conectado, projetos de desenvolvimento se tornam mais predicado em ação cooperativa, na fronteira ou outro lugar. O desenvolvimento de Foz do Iguaçu associa temas de crime, projetos grandes de infraestrutura, turismo, e uso de terra a preocupações mais amplas de nacionalismo brasileiro e crescimento econômico numa região sul-americana bem permeável (GANDARA E HACK 2011).

METODOLOGIA

Para medir perspectivas em marginalidade e representação dentro de desenvolvimento trans-fronteiriça, eu usei o método Q para colectar e analisar dados. O método Q envolve três estágios primários: estabelecer um grupo de opiniões comumente entendidos que discutem o tópico da pesquisa, selecionar participantes para arrumar essas declarações de opinião para expressar as suas perspectivas pessoais (chamado “Q-sorts”), e organizar entrevistas depois dos Q-sorts para ver como reagem os participantes quando falado os resultos de com quem suas opiniões estão parecido (STERGIOU E AIREY 2011). O segundo estágio, em que os participantes arrumam declarações pre-determinadas, especificamente envolve classificar essas declarações dentro de uma estrutura pirâmide com a intenção de criar uma curva natural ou semi-natural (veja figura 1). 

Figura 2: Exemplo de um Q-sort

Em preguntar sujetos de entrevistas classificar o conteúdo do estudo numa distribuição pre-determinada o pesquisador pode implementar uma análise holítica de como se relacionam estas perspectivas (EDEN ET AL 2005). Isso é particularmente importante para questões como participação em planejamento de desenvolvimento urbano, onde vários grupos e agendas se interagem. Em vários cenários participação pública é constrangido assim que gradação em opinião está desenfatizado em favor de categorazações mais claras ou, ainda mais, binários. Usar Q permite a análise de várias perspectivas relacionado um ao outro para um participante específico, em vez de comparar uma resposta individual para uma pergunta entre vários sujeitos da pesquisa. Essa abordagem é bem valorosa em estudos geográficos que lidam relações políticas complexas entre vários individuais ou grupos.

Para começar este estudo eu conduzi sete entrevistas semi-estruturadas, assisti uma reunião de ambientalistas, reuniões comunitárias sobre desenvolvimento econômico, e revisei noticias electrônicas, jornais acadêmicos, e vídeos de palestras de um congresso local sobre desenvolvimento e progresso social na área de estudo. Destes recursos eu derivei mais que 200 declarações como parte de um “concurso” de estudo, ou uma coleção de declarações. Uma vantagem de incluir dados de entrevistas e outras fontes qualitativas em formar este concurso (em vez de formar declarações do concurso por si mesmo) é que usar declarações faladas de outras pessoas ajuda capturar um realismo orgánico às questões do estudo. Para desenvolver um concurso de declarações assim eu tinha que determinar quais tipos de opiniões expressadas incluir. Por formulação baseada em teoria fundamentada (CHARMAZ E BELGRAVE 2014) eu perguntei pessoas com interês profissional e pessoal em desenvolvimento em Foz do Iguaçu com a intenção de começar discussão extensiva sobre desenvolvimento nessa área, quais projetos e oportunidades de investimento existem ou deveriam existir, quais ambições de longo prazo deveriam lidar o desenvolvimento, quais obstáculos impedem o progresso de desenvolvimento, e o que é o estado de participação pública no processo de desenvolvimento na região da triplice fronteira. Além das dados de entrevistas eu extrai declarações de documentos e vídeos disponiveis publicamente.

Depois de coletar um numero suficiente de declarações para formar um concurso, eu então selecionei 36 declarações do concurso para usar nos Q-sorts. Em vez de usar pesquisas para colecionar dados, às vezes considerado problemático quando usado medir opinião pública, eu usei o método Q para dar mais control aos participantes sobre o conteúdo do estudo (BERTRAND E MULLAINATHAN 2001). Enquanto uma pesquisa compara respostas a uma pergunta específica entre vários respondentes, Q-sorts comparam holisticamente a relação entre várias opiniões. Fazer assim permete uma variedade de perspectivas de um individual, em vez de uma atitude específica, para estar medido e contrastado com outros participantes. Para fazer isso o concurso (de mais ou menos 200 declarações, neste caso) precisa estar refinado para criar uma seleção menor, mas melhor focalizada, de declarações que participantes do segundo fase classificarão. Em reduzir o numero de declarações usado pelas Q-sorts, o pesquisador está forçado categorizar, priorizar, e eliminar informação não essencial.

Neste estudo eu criei seis categorias para organizar declarações: segurança, preocupações de nivel nacional/geopolítica, comércio, projetos de planejamento municipal, planejamento/colaboração regional, e participação/representação em planejamento. Estes seis agrupamentos cobrem várias escalas, temas, e pontos de opinião. Uma prioridade central durante este fase foi segurar representação igual de pontos de vista revelado mais cedo no estudo. Usar seis categorias, cada uma contendo seix declarações, permeteu uma distribuição uniforme de conteúdo classificado dentro de uma distribuição semi-normal. Embora o processo de filtrar difere, o resultando matriz Q-sort é idéntica com ela usado antes para pesquisa parecida (BARRY E PROOPS 1999). O propósito deste estudo, e qualquer projeto de Q, é analisar a relação entre fragmentos múltiplos de informação como formam uma estrutura mais ampla de entendimento.

Antes de colecionar dados eu provei uma sort com alunos universitários na minha cidade de foco. Durante esta prova alunos foram convidado completar uma Q-sort com as 36 declarações pre-determinadas. Os comentários dos alunos ajudarem identificar problemas na seleção de terminologia, categorias, ou representação de vistas diversas. Depois deste teste, participantes da comunidade foram contatado em avanço, pedido consentimento participar, e eles selecionarem um lugar e hora encontrar (normalmente no trabalho do participante). Durante o estudo, participantes recebirem declarações numa ordem randômica, e eles classificarem as declarações dentro de uma distribuição semi-natural pertenecendo à nivel de acordo. Ao completar a sort, participantes foram perguntado compartilhar o nome de instituição/empresa/organização, posição/função dentro da instituição, sexo, e anos morado em Foz do Iguaçu. Esta informação forneceu dados demográficas e afiliações institucionais deles participando no estudo. Depois de analisar dados, participantes foram contatados por email com a opção de responder aos resultos.

RESULTOS & INTERPRETAÇÃO

 Usando o software PQMethod, todos resultos foram analisado e participantes categorizado por respostas parecidas. Os 30 participantes caíram em três categorias (chamado “fatores”), com um participante sem classificação por falta de correlação estatisticamente significante com qualquer fator. Os resultos, mostrado em tabela 1, comparam estes três fatores por média intensidade de acordo/descordo (entre -4 e +4, etiquetado “F1,” “F2,” e “F3” para mostrar os três fatores) dos 36 declarações do projeto.

Tabela 1

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| Declaração | F1 | F2 | F3 |
| 1) A expansão das sojas brasileiras na região de Alto Paraná e Canindeyú no Paraguai é causa de conflitos crescentes. | -0.58 | 1.05 | -0.53 |
| 2) Foz do Iguaçu é marginalizada no governo federal porque a maioria das pessoas em Foz é de fora. | -1.57 | -1.50 | 0.22 |
| 3) Quanto mais desenvolvida a economia dessa região menor vai ser a influência de atividades ilegais. | 1.66 | 0.96 | 0.39 |
| 4) A fórmula do capitalismo manipula as capacidades intelectuais da sociedade e populariza e massifica condutas e estilos de vida. | -0.62 | -1.16 | 0.95 |
| 5) Existe sempre uma rixa entre estado e municipio, então isso atrapalha muito o desenvolvimento local. | 0.13 | 0.71 | -0.09 |
| 6) O papel das micro empresas é fundamental para a sobrevivencia da cidade. | 0.84 | 0.50 | 0.37 |
| 7) Manter a pobreza nessa região é uma necessidade política. | -1.23 | -0.83 | 0.06 |
| 8) As mudanças positivas para Foz acontecem em nivel nacional. | -1.18 | -1.14 | 1.10 |
| 9) Os funcionários no Paraguai são discriminados no mercado livre para trabalhar. | -0.47 | 0.32 | 0.20 |
| 10) O projeto Beira Foz é um projeto elitista que insiste em ignorar a história de injustiça, violência e desigualdade que marcam Foz do Iguaçu. | -1.55 | -0.46 | 0.52 |
| 11) Codefoz permite a participação da cidade, das lideranças de vários setores, de praticamente todos setores da cidade, nas decisões do municipio. | 1.09 | -0.47 | -0.31 |
| 12) Se reduzisse as taxas e impostos federais o brasileiro não compraria tanto fora do país. | 1.39 | -0.63 | 0.97 |
| 13) Foz precisa trabalhar em conjunto com o Paraguai principalmente para desenvolver. | 1.29 | -1.39 | -1.09 |
| 14) Em Ciudad del Este hoje têm uma mentalidade diferente porque quem está morando lá é de lá, não veio de fora. | -1.28 | -0.81 | -1.67 |
| 15) A área da tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, oferece um refúgio que é geograficamente, socialmente, economicamente, e politicamente muito propício para permitir as atividades do crime organizado, grupos terroristas islâmicos e funcionários corruptos. | -0.28 | 1.81 | -1.26 |
| 16) Qualquer planejamento que você fizer tem que levar em consideração o Paraguai e Argentina porque é uma região só. | 1.04 | 0.63 | -0.96 |
| 17) A segunda ponte entre o Brasil e o Paraguai é fundamental para o desenvolvimento. | 1.70 | 0.27 | 1.31 |
| 18) Ciudad del Este é mais tranquila do que Foz do Iguaçu, em Foz tem muito mais violencia. | -1.27 | -0.59 | 0.57 |
| 19) Foz do Iguaçu especificamente depende muito dos países vizinhos, Argentina e Paraguai. | 0.70 | 0.85 | -0.89 |
| 20) O Mercosul é extremamente positivo para Foz do Iguaçu porque há uma integração efetiva. | -0.20 | -1.83 | -2.74 |
| 21)Foz do Iguaçu estabelece um elo entre o Brasil e os outros países, então o Mercusul para Foz do Iguaçu é fundamental. | 0.48 | -0.33 | -1.35 |
| 22) Foz do Iguaçu não tem condições de fazer um projeto que englobe vontade internacional. | -1.73 | 1.46 | 0.14 |
| 23) Desenvolvimento nas margens dos rios intensifica as relações entre o Brasil, Paraguai, e Argentina. | 1.16 | -0.47 | -0.35 |
| 24) Na tríplice fronteira o Paraguai e Argentina têm prioridades diferentes. | 0.62 | 0.46 | -0.59 |
| 25) A legislação do Mercusol beneficiou empresas que não estavam próximas da divisa. | 0.15 | 0.51 | 0.14 |
| 26) Oitenta por cento dos projetos municipais são mentiras; eles não serão criados na realidade, apenas ficam na teoria. | -0.06 | -0.71 | 1.04 |
| 27) A responsibilidade para combater violencia e crimens é do governo do estado. | -0.55 | -1.42 | -0.97 |
| 28) Comparado com o Brasil, o Paraguai e Argentina estão muito atrasados. | -0.06 | -1.07 | 1.57 |
| 29) Foz do Iguaçu precisa voltar sua face, seu rosto para o Rio Paraná. | 0.17 | 1.01 | -0.18 |
| 30) Hoje em dia é muito mais facil você atravesar cocaina, maconha, e armas, atraves da fronteira do Paraguai e Mato Grosso do Sul que em outra cidade. | -0.02 | 0.18 | 2.26 |
| 31) Faz tempo a Argentina foi o mercado mais forte, e o Paraguai estava muito bem, hoje é o Brasil. Isso vai continuar acontecendo ao longo do anos eternamente. | -0.87 | 0.20 | -0.52 |
| 32) Não existe muito planejamento com relação ao desenvolvimento em Foz do Iguaçu. | -0.26 | 1.54 | 0.46 |
| 33) Precisa ainda haver a integração da segurança entre Foz do Iguaçu, Ciudad del Este, e Puerto Iguazú. | 1.83 | 1.25 | -0.12 |
| 34) A região das três fronteiras acentua a pobreza extrema e da desigualdade; a assimetria entre os países é projetada sobre a assimetria no país. | -0.58 | -0.66 | 0.32 |
| 35) Existe uma decentralização bem grande de grupos envolvidos com o desenvolvimento de Foz. | -0.38 | 0.04 | 1.23 |
| 36) Se não conseguir passar contrabando por aqui eles vão achar outra porta, em outro ponto do país. | 0.46 | 1.71 | -0.20 |

*Fator 1: Otimistas de integração local*

17 participantes foram organizado conjunto como otimistas de integração local. Pessoas neste grupo eram propensos ter previsões positivas com respeito a cooperação internacional entre o Brasil, o Paraguai, e a Argentina. Estes individuais também eram propensos ver projectos de nivel da cidade como uma plataforma ideal em que pode crescer integração. No geral, eles apoiarem esforços integrativos de segurança, e viu projetos como a segunda ponte entre o Paraguai e o Brasil como exemplos de conectividade econômica necessária. Estes respondentes também ereas propensos ver empresas pequenas como instituições importantes que sufrem como resulto de impostos e políticas federais.

*Fator 2: Céticos das instituições*

7 participantes foram categorizado como céticos das instituições. Estes participantes eram propensos expressar ceticismo e cinicismo sobre projetos com objetivo de integrar através fronteiras nacionais, particularmente quando esses projetos foram criados por políticos. Um exemplo prominente dessa atitude é desprezo de Mercosul (o Mercado Comum do Sul), um exemplo de paises múltiplos trabalhando conjunto para ganhos econômicos. Adicionalmente, este grupo comumente expressou que características estruturais e sistemáticas da região da triplice fronteira fez corrupção e instabilidade mais prováveis surgir. Eles neste fator também tenderam perceber uma falta de organização e planejamento centralizada em Foz do Iguaçu. Comparado com fator 1, pessoas neste grupo eram menos propensos apoiar integração bi- ou tri-nacional por projetos de desenvolvimento.

*Fator 3: Nacionalistas*

5 participantes estavam categorizado como nacionalistas cujas vistas refletem apoio por desenvolvimento em Foz do Iguaçu liderado pelo governo federal brasileiro. Individuais deste grupo eram propensos ver o governo federal do Brasil como líder natural para crescimento e desenvolvimento na região fronteiriça. Eles neste grupo sentiram fortemente que atividade ilícita trans-fronteiriça tivesse movido pelo norte, e não parou, depois de vários anos de control aumentado da fronteira nessa área. Essa foi freqüentemente acompanhado pela perspectiva que Mercosul é uma instituição detrimental para crescimento e progresso na região da triplice fronteira. Comparado com fator 1, Nacionalistas eras mais propensos rejeitar uma presença Paraguaiana em esforços de planejamento e manter instituições de nivel nacional no Brasil como origens de mudanças desejáveis na região fronteiriça. Comparado com fator 2, Nacionalistas eram menos propensos ver a triplice fronteira como conducente a estimular corrupção, crime, terrorismo, e mais propensos ver o Paraguai e a Argentina como menos desenvolvidos que o Brasil.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES

Desenvolvimento econômico e lutas de poder no Brasil e Paraguai relacionados têm várias formas desde colonização. Incluidos são decentralização, centralização, nacionalização, e internacionalização de recursos e mercados; com freqûencia, classes de residentes estão refreado de participação ativa em formar o futuro de onde moram e trabalham. Este estudo de uma região fronteiriça mostra a equilíbrio delicado entre interesses nacionais e municipais dentro de projetos de desenvolvimento no siglo XXII numa era de rápida conectividade global. Economias nacionais distintas, capacidades para acumulação de capital desiguais, reconhecimento mútuo para segurança da fronteira (executada em várias maneiras) são características exacerbadas nesta região fronteiriça. Vários grupos e identidades estão envolvido com a região da triplice fronteira, de políticos brasileiros a migrantes sírio-libanês a Paraguainos empobrecidos. Todos partidos ativos não são igualmente representado em discussões de desenvolvimento, todavia, necessitando uma examinação de quem tem poder, por quê, e quais conseqüencias vêm como resulto desse desequilíbrio. O método Q é um exemplo de uma metodologia em que o valor de teoria geopolítica feminista é mais aparente em avaliar participação e representação em desenvolvimento fronteiriço urbano.

Discussões atuais sobre desenvolvimento no Cone Sul, se junto à fronteira ou em outro lugar, inevitavelmente lidam Mercosul e os desafios de integração regional (e.g. FILHO E RÜCKERT 2013, GRIMSON E KESSLER 2014). Os processos por que vários paises na América Latina ganharam independência variam; o Brasil e o Paraguai, durante anos controlado diretamente por poderes imperiais, mostram dois casos diferentes. De independência até dia atual vários mudanças de poder têm acontecido por América Latina, inclinando domínio econômico em várias direções em historia. As várias niveis de poder equilibriado dentro do Cone Sul estão visto pelo desenvolvimento da fronteira como uma ferramenta política/militar/econômica, e na fronteira como sítio de interação entre mercados em várias escalas. Para entender como control está situado e dispersado dentro desta área pesquisa sobre hegemonia é particularmente útil. Desigualdade de membros dentro de uniões comércias e entre uniões enteiras é um aspeto importante para planos de desenvolvimento econômico (e.g. BLYDE 2006, DUNFORD 1994, FRENKEL E TRAUTH 1997, HINOJOSA-OJEDA 2003); em estabelecer uma fundação teórica é mais fácil entender essas discrepâncias. A observação anotada de três pontos de vista com respeito a desenvolvimento fronteiriço mostra que diferenças fundamentais em perspectivas do mundo devem estar negociado para criar um ambiente de colaboração e acordo. Estas diferenças existem através fronteiras e dentro de Foz do Iguaçu, e demonstram como geopolítica à escala urbana freqüentemente estão dividido entre control pelos elites e desempoderamento subalterno. Em reconhecer sobreposição e incompatibilidade entre vistas de partes interessadas eles que estudam desenvolvimento de fronteiras podem melhor consultar autoridades municipais sobre os desafios e oportunidades do processo.

BIBLIOGRAFIA

Abbott, P. K. (2004). Terrorist Threat in the Tri-Border Area: Myth or Reality? *Military Review*, *84*(5), 51.

Andreas, P. (2003). Redrawing the line: borders and security in the twenty-first century. *International security*, *28*(2), 78-111.

Arias, E. D., & Rodrigues, C. D. (2006). The myth of personal security: Criminal gangs, dispute resolution, and identity in Rio de Janeiro's favelas. *Latin American politics and society*, *48*(4), 53-81.

Barry, J., & Proops, J. (1999). Seeking sustainability discourses with Q methodology. *Ecological economics*, *28*(3), 337-345.

Bebbington, A. (2002, January). Geographies of development in Latin America?. In *Yearbook. Conference of Latin Americanist Geographers* (pp. 105-147). Conference of Latin Americanist Geographers.

Berger, M. T. (2006). From nation-building to state-building: the geopolitics of development, the nation-state system and the changing global order. *Third World Quarterly*, *27*(1), 5-25.

Bertrand, M., & Mullainathan, S. (2001). Do people mean what they say? Implications for subjective survey data. *American Economic Review*, 67-72.

Blunt, A., & McEwan, C. (Eds.). (2003). *Postcolonial geographies*. Bloomsbury Publishing.

Blyde, J. S. (2006). Convergence dynamics in Mercosur. *Journal of Economic Integration*, 784-815.

Boggs, J. S., & Rantisi, N. M. (2003). The 'relational turn' in economic geography. *Journal of economic geography*, *3*(2), 109-116.

Brown, S. R. (1997, December). The history and principles of Q methodology in psychology and the social sciences. In *Red at the British Psychological Society Symposium on, A Quest for a Science of Subjectivity: The Lifework of William Stephenson, University of London*.

Castells, M. (1998). Why the megacities focus? Megacities in the new world disorder. *Publication MCP-018, Mega-Cities Project, New York.*

Castells, M. (2011). *The rise of the network society: The information age: Economy, society, and culture* (Vol. 1). John Wiley & Sons.

Charmaz, K., & Belgrave, L. (2002). Qualitative interviewing and grounded theory analysis. *The SAGE handbook of interview research: The complexity of the craft*, *2*, 2002.

Chouinard, V. (1997). Structure and agency: Contested concepts in human geography. *The Canadian Geographer/Le Géographe canadien*, *41*(4), 363-377.

Costa, T. G., & Schulmeister, G. H. (2007). The puzzle of the Iguazu tri-border area: Many questions and few answers regarding organised crime and terrorism links. *Global Crime*, *8*(1), 26-39.

Crawford, A. (Ed.). (2013). *Crime and insecurity*. Routledge.

Rondinelli, D. A., Johnson Jr, J. H., & Kasarda, J. D. (1998). The changing forces of urban economic development: Globalization and city competitiveness in the 21st century. *Cityscape*, 71-105.

Dunford, M. (1994). Winners and Losers The New Map of Economic Inequality in the European Union. *European Urban and Regional Studies*, *1*(2), 95-114.

Eden, S., Donaldson, A., & Walker, G. (2005). Structuring subjectivities? Using Q methodology in human geography. *Area*, *37*(4), 413-422.

Escobar, A. (2011). *Encountering development: The making and unmaking of the Third World*. Princeton University Press.

Carneiro Filho, C. P., & Rückert, A. A. (2013). Estratégias de cooperação e desenvolvimento nas fronteiras do MERCOSUL: a Região Transfronteiriça do Iguaçu. *Anais: Encontros Nacionais da ANPUR*, *15*.

Frenkel, M., & Trauth, T. (1997). Growth effects of integration among unequal countries. *Global Finance Journal*, *8*(1), 113-128.

Gandara, J. M., & Hack, E. (2011). ¿CÓMO NOS MOSTRAMOS? ¿COMO NOS MUESTRAN? Un estudio de caso sobre la difusión mediática del turismo en Brasil y en Foz do Iguaçu (Brasil). *Estudios y Perspectivas en Turismo*, (3), 658-672.

Gidwani, V. (2008). Capitalism's anxious whole: Fear, capture and escape in the Grundrisse. *Antipode*, *40*(5), 857-878.

Glassman, J. (2010). Critical geography III: Critical development geography. *Progress in Human Geography*, 0309132510385615.

Grimson, A., & Kessler, G. (2014). On Argentina and the Southern Cone: Neoliberalism and national imaginations. Routledge.

Hall, P., & Pfeiffer, U. (2013). *Urban future 21: a global agenda for twenty-first century cities*. Routledge.

Hinojosa-Ojeda, R. A., Robinson, S., & Lewis, J. D. (1995). Regional integration options for Central America and the Caribbean after NAFTA. *The North American Journal of Economics and Finance*, *6*(2), 121-148.

Iguassu World’s Destination (2 agosto 2015). Recuperado em <http://www.fozdoiguacudestinodomundo.com.br/en/about-the-city/the-city>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico. (2 agosto 2015). Recuperado em <http://cod.ibge.gov.br/233J4>.

Jones, R. & Johnson, A. P. C. (Eds.). (2014). *Placing the border in everyday life*. Ashgate Publishing, Ltd.

Knox, P., Agnew, J. A., & McCarthy, L. (2014). *The geography of the world economy*. Routledge.

Kupchan, C. (2007). *The end of the American era: US foreign policy and the geopolitics of the twenty-first century*. Vintage.

Levitt, M. (2005). Hezbollah: Financing terror through criminal enterprise. *Testimony given to Committee on Homeland Security and Governmental Affairs, Washington, DC*, *25*.

McEwan, C. (2001). Postcolonialism, feminism and development: intersections and dilemmas. *Progress in Development Studies*, *1*(2), 93-111.

McFarlane, C. (2006). Transnational development networks: bringing development and postcolonial approaches into dialogue. *The Geographical Journal*, *172*(1), 35-49.

McGregor, A. (2009). New Possibilities? Shifts in Post‐Development Theory and Practice. *Geography Compass*, *3*(5), 1688-1702.

Murphy, J. T. (2008). Economic geographies of the Global South: missed opportunities and promising intersections with development studies. *Geography Compass*, *2*(3), 851-873.

Palosaari, T., & Möller, F. (2004). Security and Marginality Arctic Europe after the Double Enlargement. *Cooperation and Conflict*, *39*(3), 255-281.

Power, M., Mohan, G., & Mercer, C. (2006). Postcolonial geographies of development: Introduction. *Singapore Journal of Tropical Geography*, *27*(3), 231-234.

Radcliffe, S. A. (2005). Development and geography: towards a postcolonial development geography. *Progress in Human Geography*, *29*(3), 291-298.

Raghuram, P., & Madge, C. (2006). Towards a method for postcolonial development geography? Possibilities and challenges. *Singapore Journal of Tropical Geography*, *27*(3), 270-288.

Roberts, B. R. (2005). Globalization and Latin American cities. *International Journal of Urban and Regional Research*, *29*(1), 110-123.

Roy, A. (2009). The 21st-century metropolis: new geographies of theory. *Regional Studies*, *43*(6), 819-830.

Samara, T. R. (2010). Policing development: urban renewal as neo-liberal security strategy. *Urban Studies*, *47*(1), 197-214.

Seto, K. C., Sánchez-Rodríguez, R., & Fragkias, M. (2010). The new geography of contemporary urbanization and the environment. *Annual review of environment and resources*, *35*, 167-194.

Sharp, J., & Briggs, J. (2006). Postcolonialism and development: new dialogues?. *The Geographical Journal*, *172*(1), 6-9.

Smith, N. (2002). New globalism, new urbanism: gentrification as global urban strategy. *Antipode*, *34*(3), 427-450.

Stergiou, D., & Airey, D. (2011). Q-methodology and tourism research. *Current Issues in Tourism*, *14*(4), 311-322.

Sylvester, C. (1999). Development studies and postcolonial studies: disparate tales of the'Third World'. *Third World Quarterly*, *20*(4), 703-721.

Wacquant, L. J. (1996). The rise of advanced marginality: notes on its nature and implications. *Acta sociologica*, *39*(2), 121-139.

Wainwright, J. (2008). Uneven developments: from the Grundrisse to Capital. *Antipode*, *40*(5), 879-897.

Walters, W. (2002). Mapping Schengenland: denaturalizing the border. *Environment and Planning D*, *20*(5), 561-580.